

Um tiro no pé (Outras coisas e Coimbra)

A. Ferreira Soares

Professor Aposentado

I

Não gosto, nunca gostei dum *não* peremptório, terminante, intransigente. Sempre gostei do *não* fluido, deslizante, reflexivo, a deixar uma possibilidade de *sim*. Pediu-me um Amigo para estar aqui - e aqui estou caro Amigo, agradecendo, sem deixar de me esfregar às urtigas da minha preguiça, da minha já proverbial indiligência pela escrita. Mas também sei, disso tenho consciência, tal como escreveu João Caraça, "quem não comunica não se torna visível; logo, ninguém sabe que existe, ninguém se admira que não esteja no mapa das auto-estradas da informação. *Publish or perish* (ou publicas, ou morres) é o novo lema" (CARAÇA, 2002: 132). É verdade caro Amigo; sou como qualquer um; também tenho necessidade de estar presente; ou não fosse esta uma dimensão humana da aldeia global onde nos prendemos.

Todos os que aqui estamos, mais os outros que andam lá fora, sabemos bem a dimensão telemática da nossa *aldeia*, da gaiola por onde, e com essa razão, circulam imediatismos. O autor citado, na mesma obra, ressalta três palavras que, não sendo novas, assumiram outros significados: *Global, conhecimento e governança*. Elas substituíram, na nossa linguagem corrente, *universal, ciência e governo* respectivamente. Passamos então do plano dos valores universais, onde se continuam a inscrever os direitos sócio-políticos de cada um e de todos, para aquele onde se estruturam figurinos económicos que transformam os *direitos adquiridos* pelos *negociados*. Contudo, quanto a mim, o singular do discurso de João Caraça está em ter feito a *governança* à imagem do resvalar político do governar sob auspícios da *globalização*, eminentemente económica e liberal (CARAÇA, 2002: 121-124). Agora sim, pensamos ter compreendido o porquê das multidões, enquadradas é certo pela "ordem", que se organizam todas as vezes que há reuniões do clube dos mais ricos e seus convidados, ou tão só das estruturas que dele dependem. Faço para mim, tal como o pensou Almeida Santos, ter a *globalização* adquirido já a inevitabilidade do desvalorizar das "pátrias, das

nações, dos territórios, dos símbolos em última instância à comunhão das línguas e das identidades" (SANTOS, 2003: 159). E, porque assim tem sido ou parece acontecer, não invoquemos em vão uma nova *Pátria das Pátrias*, ou mesmo uma transformada ou nova organização de nações capaz de assegurar a harmonia nas diferenças. Não, porque julgamos utópica uma tal ideia, mas porque receamos ainda não estar suficientemente diluída, estiolada mesmo, aquela outra de *império*, não o quinto como o herdou Agostinho da Silva (SILVA, 1988: 191-200), mas os outros que, em todos os tempos sagitaram globalizações - "mundializações ao gosto francófono. Sampedro opinou pensar em os globalizadores que a globalização é algo novo, moderno, próprio da técnica actual. É próprio da técnica actual, é verdade, contudo, não é nova porque a exploração dos pobres à mão dos ricos é algo que ao longo da história, indeterminavelmente sempre aconteceu". E se a liberalização potencia a globalização, bem, então haverá que pensar na possibilidade dum *afastamento dos mais débeis, dos menos qualificados, dos menos afeitos às exigências dos mercados* (SAMPEDRO, 2003: 25-42). E a possibilidade deste espectro leva-nos a pensar a globalização geminada com a educação, aquela por onde se gera a capacidade universal do entendimento da vida. Como é repoussante voltar a pensar como Agostinho da Silva - "sempre chegará um tempo (um, dois ou vinte séculos, e o tempo não importa para isso) em que biliões terão no universo o que hoje é apenas de milhões" (SILVA, 1988: 194). E chegado aqui, só me restará concluir como o fez Rallo Romero - "Em suma, está a produzir-se uma degradação sócio-económica e um desguarnecer ético da sociedade, mediante a imposição duma cultura de mercado e competitividade, cujos critérios de rentabilidade económica corroem os princípios da solidariedade e cooperação nos quais se deve apoiar a coesão da sociedade que está substituída pelo darwinismo social: apenas os mais aptos (leia-se os mais ricos) sobreviverão" (RALLO ROMERO, 2003: 17).

As palavras de Rallo Romero, no que levantam do drama, levam-me a perguntar, tal como o fez Claude Allègre, se "irá o homem, o produto mais

acabado do planeta Terra e figura de proa desta aventura única no sistema solar que é a vida, aniquilar tudo aquilo que permitiu a sua emergência?" (ALLÈGRE: 11). Aniquilar, não no sentido físico dos presságios fundamentalistas, antes no desagregar das estruturas que humanizaram. O fosso entre pobres e ricos, entre um hiper e um hipodesenvolvimento relativos, pode acentuar-se por falta de sustentabilidade do sistema sócio-ambiental, precário, *metastável* no nosso dialecto científico. E para aqui converge, obrigatoriamente, tudo, desde um uso responsabilizado, sustentado, dos recursos do planeta, como das transferências "inexplícitas" de mão d'obra. O Mediterrâneo, após o desfazer do Império Romano (o *Mare nostrum*, o rosto da *Pax Romana*) volta agora a ser afrontado, enquanto obstáculo que o sul pretende ver derrubado.

Ninguém abre mão; os ricos, os países desenvolvidos porque sentem, pelas suas organizações, o poder advindo com a globalização dos mercados. Os pobres, os países em vias de desenvolvimento, porque, no quadro das globalizações, teimam em ser senhores dos seus destinos, participando, em pé de igualdade, da mesma liberdade de acesso ao mercado. Eles não querem aceder ao *princípio da competência*, na medida em que o conceito de competência anda associado ao de sobrevivência e esta não significa vida. *Mutatis mutandis* as nossas preocupações estão com as de todos que procuram entender a dimensão do complexo económico-ambiental por onde se têm gerado frustrações (PETRELLA, 2001: 119-131).

E nós, que deixámos de ser marinheiros pelas mesmas razões que regressámos a caminheiros, procuramos agora o quê? A vieira que nos garanta a condição de peregrinos? A nossa proverbial vocação europeia, como se para tal nos bastasse a condição de vivermos neste extremo da Europa "onde a terra acaba..."? Temos uma *neonacionalidade*, mas não esquecemos que Rabat, na voz dum nosso pensador, sempre esteve mais próxima que Madrid, não em *distância geográfica*, mas de *alma* (LOURENÇO, 2001). Talvez seja bem não esquecermos que o Estado-Nação da era moderna nasceu dimensionado à escala das tecnologias da deslocação e comunicação à distância praticadas à data do seu natal (SANTOS, 2003: 165).

II

Sempre tinha razão; continuar pelas ondas onde ideava, por gosto é certo, acabaria com "um tiro no pé", pois o meu barco já rumava outros mares que não o do luzeiro do meu Amigo - "O senhor não quer saber o caminho da cidade?" - perguntou o Baldo de Jorge Amado (AMADO, 2003: 52). Que escadaria teria eu de

descer para encontrar o patamar onde a parte se juntava ao todo? Problema de escalas; talvez; mas, uma vez colocado num sistema sócio-económico, será nele que as partes tomarão as suas razões. Apaguem-se as fronteiras; esvaziem-se os estados; mundializem-se os órgãos de decisão e "assistiremos à progressiva revalorização dos órgãos locais de decisão" (SANTOS, 2003: 234). E esses serão órgãos sócio-económicos por onde escorrerão regras político-administrativas suficientes à atracção da cidade, independentemente da sua origem. O espaço citadino ainda é básico ao sustento das sociedades. Na expressão de Vidal de la Blache "a natureza prepara o local e o homem organiza-o de maneira a satisfazer as suas necessidades e desejos" (CHUECA GOITIA, 1996: 7-8). Ou seja, enquanto entidade eminentemente física, é parte construída de um todo por onde perpassam transformações que nos consciencializam o *ambiente urbano*, diversificado e a impor, com o plasmar das perigosidades e consequentes desatracções, bandeiras de *responsabilidades inter-geracionais* (SALGUEIRO, 2001). A cidade, no quadro da globalização económica, concorre num sistema sócio-económico de complexidade mutável e onde as variáveis decorrentes da humanização compõem, obrigatoriamente, as suas razões de história. Ou seja, a cidade transparece, então, como uma *matriz cultural* onde se inserem conceitos de territorialidade (GASPAR, 1996) e *paisagem*, cruzadas na subjectividade das suas concepções. Claro que nelas cabem, por excelência, as linguagens arquitetónicas e urbanísticas no que têm de pluridisciplinar, de "compreensivo das interacções entre o nível 'satisfação de necessidades funcionais' e o nível 'expressão de valores culturais'" na dialéctica de Nuno PORTAS (1974).

As definições urbana e arquitectónica do espaço citadino, conduzidas pelas pressões diferenciadas do uso, incorporam, sobretudo a partir de meados do século XIX, linguagem duma *Geologia* que já dava passos que a cimentavam, pela sua originalidade, no campo dos saberes. A linguagem singular das naturezas e relações dos corpos líticos confundia-se na expressão do espaço que configurava a *alma da cidade*. "A cidade sempre foi e será, pela natureza da sua essência, artisticamente fragmentária, tumultuosa e inacabada", condições que só poderão desaparecer quando ela tiver morrido, alcançado o seu nirvana, o estatuto de *obra de arte* (CHUECA GOITIA, 1996: 28-36).

Coimbra, como todas as cidades onde a história se vai arquivando, arvora lembranças de *Aeminium* e *Colimbria*, e obriga-se às razões que ditam o arranjar do seu espaço sempre acrescentado. Tudo, mesmo o traço dos seus monumentos, polarizadores de paisagens, esteve e estará, por imperativo da alma, sujeito ao exercício das contraposições. O que terão dito, em

seu tempo, os que viram nascer e transformar-se a Sé Velha, Santa Cruz e todos os colégios por onde se guarda ainda uma parte da Universidade? O que terão dito todos os que viram o cair no abandono Santa Clara-a-Velha? Foi história que se fez; são as memórias por nascer. Coimbra, como tudo na vida, sempre terá de navegar a gosto de uns, a contra-gosto de outros - e que assim seja até à consumação dos séculos. A Ponte Rainha Santa (então ainda Europa), porque assim foi chamada, não seguiu a linha por onde a *minha geologia* a teria aconselhado. Eu teria optado por um outro perfil mais a montante, evitando não só as unidades pelito-dolomíticas (localmente evaporíticas) da *Formação de Pereiros*, aflorantes no encosto sul, como ainda o tropeço com as estruturas (falhas) que, a partir das Lages, seguem o Rio frente a Coimbra (REBELO, 1985; CUNHA *et al.*, 1999) Mas esta minha opinião, monocromática, desconhece o conjunto dos argumentos que terão pesado na localização da obra.

Há cerca de século e meio, foi pedido a Carlos Ribeiro, então pontífice nestas coisas do saber geológico e mineiro do País, parecer quanto à aptidão geológica do local da Conchada para nele ser instalado um cemitério (PEREIRA-FORJAZ, 1920). Hoje, e é hoje e não ontem, o meu parecer teria sido contrário, desaconselhando uma tal estrutura em tal sítio. Na Conchada, como um pouco pelo perímetro urbano da cidade, afloram as *Areias vermelhas do Ingote*, imaturas, pedregosas, de poucos metros de espessura e afeiçãoadas ao criptocarso aberto nas dolomias e calcários da *Formação de Coimbra*. Esta é a unidade carbonatada por excelência da cidade; amarelada, corroída, "vacuolada" e rica em vénulas de calcite, ela dá forma às lombas do Ingote e Montarroio, à Alta e ao ondular de Santa Clara, até um pouco além da Guarda Inglesa. Pelo seu estado, algumas obras foram obrigadas a cuidados especiais na sustentação de taludes, originando cortinas de betão, ou muros de gabiões. Mas, por outro lado, é ela que responde à "pedra morena" dos monumentos medievais de Coimbra, onde se juntaram corpos de pedra mais molar e branca de Ançã, alguns a transpirem genialidades de João de Ruão e de Nicolau de Chanterene.

Ao conjugarmos as unidades das formações de Pereiros e Coimbra, ressaltam-nos aspectos que devem ser cuidados, tanto para desafoço do espírito, como da algibeira. E é por aqui que nos obrigamos a chamar a atenção para:

(1) As *estruturas*, em toda a sua dimensão; quer as decorrentes das causas que orientaram o processo da sedimentação, quer as conduzidas por tensões que modificaram as atitudes da estratificação. A quando

duma escavação na rua Pinto de Abreu em Santa Clara, abriu-se uma caverna, de apreciável volume, por defluxão dum corpo pelito-margoso irregular, negro, e que estratificava, localmente, com as dolomias da base da *Formação de Coimbra*. Esta é uma estrutura frequente para a base desta unidade, tornando ainda mais susceptível a zona limite com a *Formação de Pereiros*.

(2) A *morfologia*, onde um carso aberto e com diversos graus de significação, aumenta a instabilidade dos maciços ligados à *Formação de Coimbra* (REBELO, 2001). Por outro lado, eles constituem maciços temporariamente inundados para a base, com o limite de saturação no confronto com a *Formação de Pereiros*. Assim se justificam nascentes como a da Quinta das Lágrimas e das avenidas Sá da Bandeira e Gouveia Monteiro (MORAIS, 1950). É ainda provável que outras de igual origem, no perímetro poente de Santa Clara-a-Velha, tenham juntado razões à razão do Rio que ia inundando o mosteiro.

Mas não se pense que Coimbra é apenas o espaço de convergência destas duas unidades do Liásico inferior. Outras há a ditarem comportamentos diferenciados ao quadro geral da *susceptibilidade compósita* de Alexandre TAVARES (1999: 319-321, fig. 9.1-1). A Fig.1 dá-nos o articulado geral das unidades líticas que sustentam o espaço urbano de Coimbra.

Às unidades margosas e calco-margosas do Liásico médio e superior ligamos dois aspectos singulares, com pesos diferentes aos juízos do ambiente urbano:

(1) Os *ravinamentos* observados um pouco pela zona norte, entre a Pedrulha e Eiras, sobretudo nas vertentes que figuram o *horst* de Logo de Deus, a apontar os campos do Bolão ou Golão (REBELO, 2001), espaço de abatimento complexo (SOARES, 1966).

(2) O *uso* como matéria-prima numa cimenteira posta a norte, em Souzelas, próxima ao perímetro da cidade, no espaço concelhio. As facilidades da exploração da matéria prima, colocada à boca do forno, do transporte do produto acabado, e não só, com acesso directo ao caminho de ferro ditaram, na prática do quadro político-económico da época, a localização da fábrica. E não me digam que assim não foi. Só anos mais tarde, quando se decide da utilização da fábrica para a co-incineração dos resíduos industriais perigosos, tudo salta para cima da mesa, tudo é questionado, dando-se agora voz aos souzelenses que sempre haviam clamado pela segurança das suas pessoas e bens (QUEIRÓS, 2001). Os conimbricenses acordam e compreendem o que, em termos de ambiente, pode significar a instalação de unidades de queima nas suas imediações.

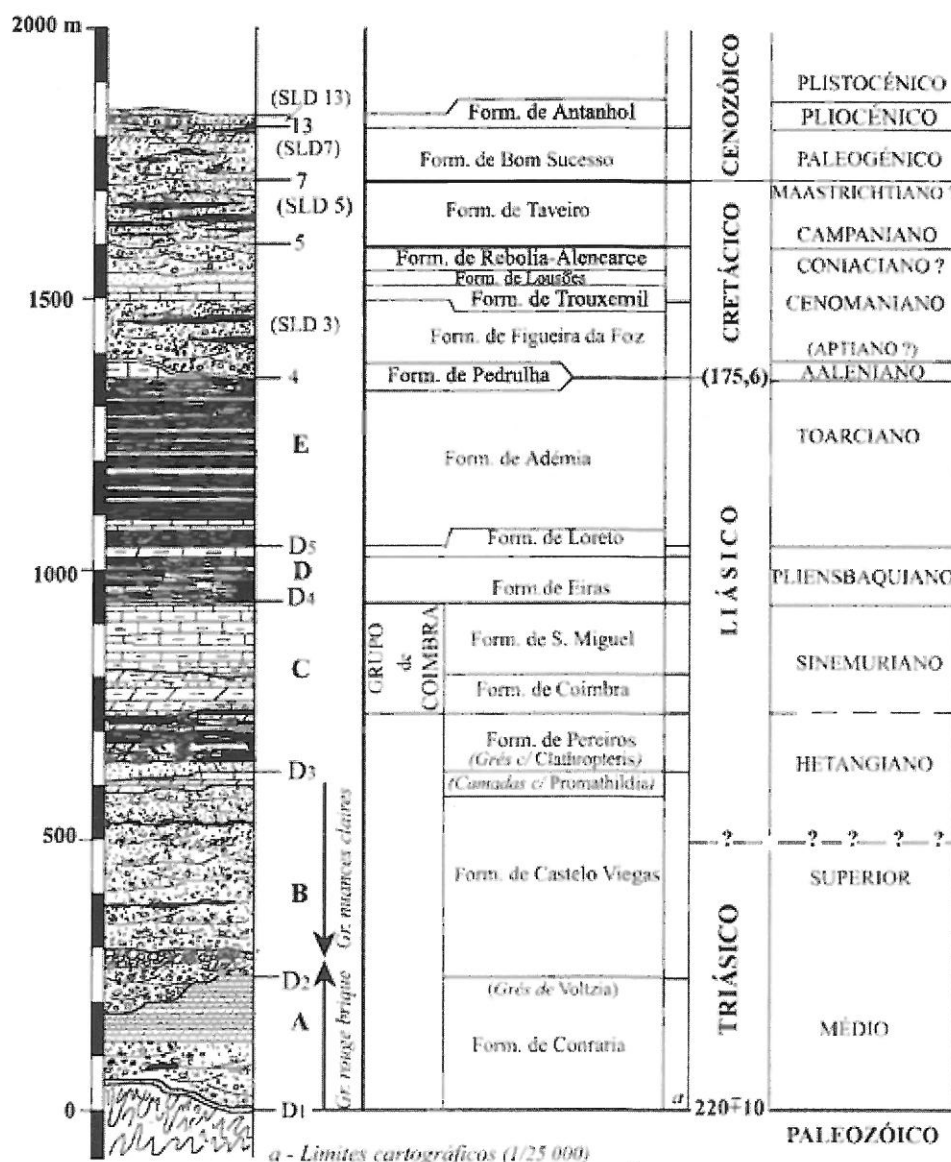


Figura 1

O arranjo das unidades mesozóicas e terciárias na área urbana de Coimbra.

Mas se estas são unidades onde prevalece a característica carbonatada, outras há, tão ou mais importantes e de naturezas siliciclásticas. Elas correspondem a unidades areno-conglomeráticas, mais ou menos imaturas, quase sempre arcóicas e com interstratificações de pelitos argilosos. Elas suportam cerca de 60% do actual espaço urbano, descendo do encosto com os metamorfitos do *horst* marginal (*Relevo Marginal de Coimbra*), até cerca duma linha que de Almala-

guez sobe a Marco de Pereiros, Lages, vale do Jardim Botânico, Praça da República, Celas, Polo III da Universidade e segue depois para norte, por Eiras e Brasfemes.

A ocidente, no encontro com a fracturação que do Instituto Agronómico vem a passar pelo Loreto, Pedrulha e Adémia (SOARES, 1966), começam as outras unidades gresosas, aquelas sobre que se moldam os relevos de S. Martinho do Bispo, Taveiro e descem à Cruz de Morouços e Antanol.

Ou seja, e tal como se lê na Fig. 1, dois corpos gresosos enquadram as unidades carbonatadas liásicas. O corpo mais antigo, aflorante a oriente, compõem o *Grupo de Silves* de idade provável dum Triásico médio (porque não inferior?), ao Liásico inferior (Hetangiano). O outro, superior, é de organização mais complexa por um conjunto mais heterogêneo de unidades cujas idades vão dum Cretácico médio ao Neogénico (Pliocénico médio a superior).

O relevo da região de Coimbra reflecte (MARTINS, 1940; SOARES, 1985: 66) não só a plasticidade diferenciada das unidades sobre que se molda, mas também o correr de fracturas que, desenhando uma rede mais ou menos complexa, não chegam a perturbar a tendência do largo monoclinal para poente - "...duma sujeição maior do relevo urbano às direcções da fracturação, sobretudo da meridiana a submeridiana" (CUNHA *et al.*, 1999).

No que respeita à evolução das vertentes areno-conglomeráticas destacamos três mecanismos de disparos pluvial e/ou antrópico. No passado, ainda ontem, nos espaços onde a malha urbana era mais laxa, eles responderam pela edificação dos mantos coluviais que encheram, parcialmente, as depressões drenadas pelas ribeiras das Flores e da Arregaça:

(1) *Deslizamentos peliculares* e que muitas vezes mais não traduzem que o lavar do manto de detritos acumulados a montante e arrastados por enxurradas para os pontos baixos onde se adicionam, colorindo ruas, entupindo sarjetas e dificultando o trânsito, sobretudo em rotundas e pracetas (REBELO, 1997).

(2) *Deslizamentos maciços*, mais ou menos rápidos e quase sempre rotacionais a interessarem duas ou mais camadas. Foram estes os mecanismos que justificaram os desabamentos observados na estrada da Conraria (EN 110) junto a Castelo Viegas, bem como aquele outro no vale do Trovão, junto à Av. Elísio de Moura. Neste último caso o problema associou-se à organização dos materiais da vertente, com anisotropias estruturais acentuadas por encharcamentos (FERREIRA *et al.*, em publ.).

(3) *Ravinamentos* mais ou menos expressos e quase sempre a darem conta da fragilidade dos materiais greso-conglomeráticos, em especial daqueles pós-jurássicos, com fraca coesão. Eles são, por isso mesmo, particularmente incisivos nas áreas drenadas pelas ribeiras dos Covões e Antanhol-Frades, com rápido desenvolvimento, sobretudo em áreas de intervenção humana, como se constata no Campo de Jogos de S. Martinho.

Os mecanismos invocados concorrem para edificação de alguns dos depósitos mais recentes, quaternários, e que se acumularam em áreas particulares da cidade, em especial na depressão do Calhabé-Solum, no enchimento da figura singular, controversa sem dúvida, do já denominado meandro da Arregaça (Fig. 2). Englobadas sob a rubrica de *Areias vermelhas do Estádio* (SOARES, 1990), associam-se-lhes outras fluviais e a darem conta das variações paleogeográficas das paisagens mondeguias (SOARES *et al.*, 1989). A fig. 3 dá-nos uma articulação possível das unidades que, neste concerto, têm sido caracterizadas (SOARES, 1999: 323, fig. 4)

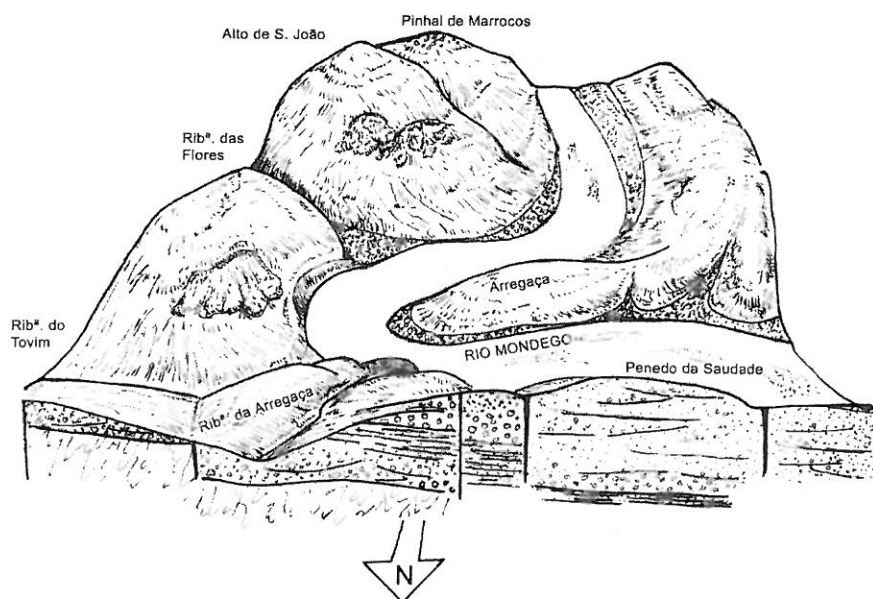


Figura 2

Uma hipótese sobre a figura singular do meandro da Arregaça. No perfil unidades do Grupo de Silves, assentando nos metamorfitos paleozóicos.

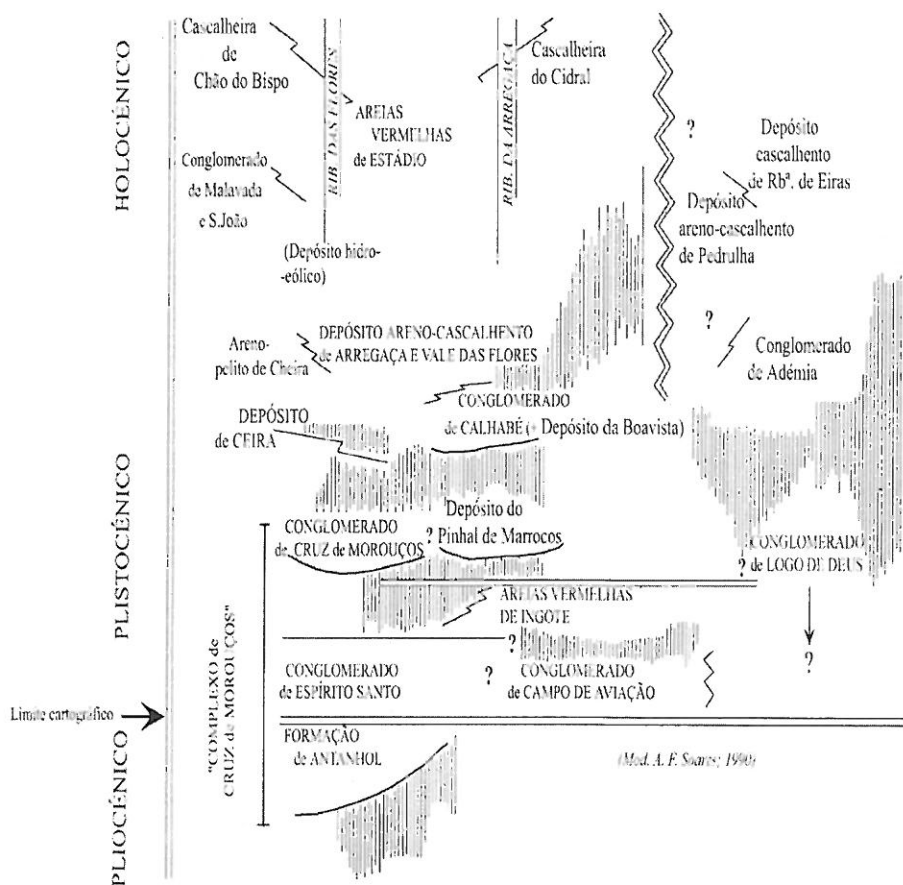


Figura 3
Um arranjo das unidades quaternárias na área urbana de Coimbra.

Aqui há um tempo, noutra colóquio de Geografia (SOARES, 2001), pedi que me fosse dada a possibilidade de mergulhar num *buraco de minhoca* (DEUS, 1998: 102-104) e "viajar para um tempo passado, hermético e imodificável". Ah!, se isso me fosse concedido, como poderia, entre muitas outras imaginações, "ver um Mondego diferente, a descer por uma volta mais larga, projectada", em parte, pelo espaço do actual Ceira. A Fig. 4 tende a ilustrar esta concepção (DAVEAU, 1986: 343-346, fig. 66), na subjectividade duma *paleo-paisagem* por onde se adivinham possibilidades que o tempo amalgamou - "Se tentarmos captar ou compreender uma teoria, ou recordar uma sinfonia, o nosso espírito é casualmente influenciado, não apenas pela memória de ruídos armazenados no nosso cérebro, mas sim, pelo menos em parte, pela obra do compositor, pela estrutura autónoma do objecto do Mundo 3 que estamos a tentar captar" (POPPER, 1992: 127).

Em tudo que foi chamado para suporte duma tal *paleo-paisagem*, à lógica dum *paleo-Mondego* pelo

traçado que é hoje do Ceira, subsistem as incertezas que dimensionam a própria hipótese.

(1) Até onde as formas e os depósitos que andam hoje ligados à bacia de drenagem do Ceira, podem dar testemunho desse paleo - traçado? É este resalto da dúvida que subsiste na análise dos argumentos em S. Daveau. Será a nudez contrastante do corredor actual do Mondego, ao cruzar o *Maciço Marginal*, sinónimo da sua juventude relativamente ao vale do Ceira?

(2) Quando se desenhou uma tal paisagem? Teria sido ela correlativa do depósito de Logo de Deus, como pensou S. Daveau? (DAVEAU, 1986: 346). Se assim foi, e admitirmos, como temos pensado, que os depósitos de Logo de Deus e Eiras poderão ter sucedido às *Areias vermelhas do Ingote* (SOARES *et al.*, 1985), então tudo se teria organizado num tempo anterior ao da modelação do próprio *Baixo Mondego* tal como o conhecemos. E, por acumulação de prováveis, poderemos também pensar que tudo se associou à edificação, na *bacia da*

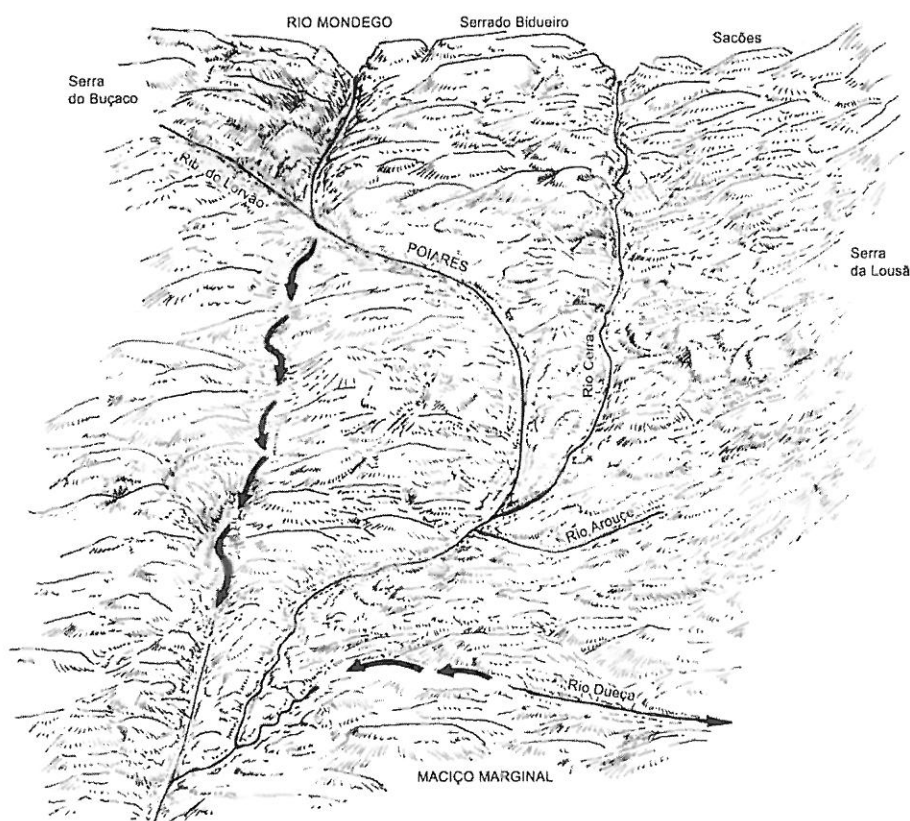


Figura 4

Uma hipótese - a volta do Mondego pelo traçado actual (!) do Ceira (seg. DAVEAU, 1986).

Lousã-Miranda do Corvo, dos Conglomerados e pelitos de Chã do Freixo-Cume (!), talvez equivalentes do depósito de Braços, mais a ocidente, acima do meandro de Segades e a cerca de 160 ± 10 m de cota. Aliás, é a esta cota, a partir de rechã já muito apagada entre Braços e S. Frutuoso, que o Ceira mais se aperta nos xistos do Maciço Marginal. Mas, e voltando a S. Daveau, tudo isto poderá ter sido doutra história, mais recente, "posterior ao abandono do curso meridiano do Mondego pelo corredor de Poiares" (DAVEAU, 1986: 345). Ou seja, para acentuação dos desencontros no seio destas possibilidades, e como sempre se tem notado, não olvidamos a convergência de, entre outras, duas causas: (a) Mimetização das fácies, sobretudo por reciclagem das fracções mais grosseiras (isopacidade); (b) jogo da tectónica suficiente ao desajuste de depósitos, no princípio, equivalentes.

(3) E quando se terá formado o meandro da Arregaça? Colocado o problema da forma no seio do evoluir do Mondego, ressaltam-nos de imediato o signifi-

cado a atribuir ao Depósito areno-cascalhento de Calhabé. A inclinar para nascente, para a ansa do meandro, ele afigura-se como barra interna (poligénica), point-bar na estrutura. E se assim não for, que outra leitura poderemos nós fazer? Talvez a da porção distal (?) dum cone coluvial ligado ao afeiçoar do relevo circunvizinho, na cabeceira da actual Ribeira das Flores? Com esta hipótese joga melhor o carácter grosseiro da fracção conglomerática do depósito, onde há calhaus com 0,25 m de eixo maior. Contudo, ao circunscrevermos a área-mãe, como justificaremos a presença de calhaus de grés e conglomerados silicificados, a lembrarem o chamado "Grés do Buçaco"? - Reciclagem de depósito hoje apagado? E como ligar, no contexto regional, o Depósito areno-pelítico de Cheira, amarelado, com fina laminação local e débeis rizomorfias? Não corresponderá a depósito tradutor de ambiente palustre surgido com o estrangulamento (cut-off) do meandro? Ou será apenas um ponto de encharcamento, palúdico, na cabeceira da Ribeira das Flores? Finalmente, onde poderemos nós colocar os

depósitos arcossareníticos, grosseiros a muito grosseiros, imaturos, esbranquiçados e cascalhentos (*Depósito areno-cascalhento de Arregaça*) que suportam as *Areias vermelhas de Estádio?* Apesar do limitado das nossas observações, eles evidenciam antiga aluvião difícil, pela composição, de se afirmar no trabalho das ribeiras que drenam a depressão (Arregaça e Flores). E se assim for, então só nos restará aceitar como mais provável a figura singular dum paleo-meandro, construído com a primeira fase da organização do *Baixo Mondego*, ao tempo da edificação do *Depósito de Ameal-Sto. Varão* - nesse tempo, o rio seria "diferente, espreitando em Maiorça um mar largo mais a norte, passado que fosse o que hoje é o seu cabo" (SOARES, 2001: 58).

E regresso ao meu divagar inicial; não é um quinto império que procuro; é uma outra qualquer ordem; daquela sob que se constrói a mundialização - a *aldeia global* de McLuhan. Com ela (ou simplesmente nela) teremos a obrigação de equacionar as transformações ambientais, aceitando maior responsabilidade nos nossos sistemas educativos e o conseqüente apagar dos desequilíbrios entre os povos. E, quanto custará este singular princípio por onde o coração e a razão se chegam a confundir na emersão de fundamentalismos?

Lomborg, ao discursar sobre ciência e ambiente, ele que se interrogava sobre quais seriam os problemas importantes deste mundo, acaba por lançar o desafio a quem quer que esteja nesta sala - "a imaginar que se possa gastar mil milhões de dólares sem fazer alguém feliz" (LOMBORG, 2003: 208).

Bibliografia

- ALLÈGRE, Claude - *Ecologia das cidades, ecologia dos campos*. (trad. REIS, M. João) Inst. Piaget, Lisboa.
- AMADO, Jorge (2003) - *Jubiabá*. Publ. D. Quixote, Lisboa.
- CARAÇA, João (2002) - *Entre a ciência e a consciência*. Campo das Letras Editores, S. A., Lisboa.
- CHUECA GOITIA, F. (1996) - *Breve história do urbanismo*. 4ª ed. (tr. E. Campos LIMA). Ed. Presença, Lda., Lisboa.
- CUNHA, L. et. al. (1999) - "O 'julgamento' geomorfológico de Coimbra. O testemunho dos depósitos quaternários". *Cadernos de Geografia*, Nº Esp., *Actas do I Colóquio de Geografia de Coimbra*, Coimbra, pp.15-26.
- DAVEAU, S. (1986) - *Les basins de Lousã et d'Arganil. Recherches géomorphologiques et sédimentologiques sur le Massif Ancien et sa couverture à l'Est de Coimbra*; vol.II, *L'évolution du relief*. Mem. C. Est. Geográficos, nº 8, Lisboa.
- DEUS, J. D. de (1998) - *Viagens no espaço-tempo. Ciência Aberta*. Gradiva Publicações, Lisboa.
- FERREIRA, M. Quinta et. al. - "Caracterização preliminar do deslizamento da Avenida Elísio de Moura, Coimbra" (em publ.).
- GASPAR, J. (1999) - "Territorialidades do quotidiano - um comentário". *Cadernos de Geografia*, Nº Esp., *Actas do I Colóquio de Geografia de Coimbra*, pp. 45-48.
- LOMBORG, B. (2003) - "Ciência e ambiente: pensamos que o mundo está cada vez pior, mas estará mesmo?". In *Globalização, Ciência, Cultura e Religiões*, Fund. Calouste Gulbenkian, Publs. D. Quixote, Lisboa.
- LOURENÇO, Eduardo (2001) - *A Europa desencatada; para uma mitologia europeia*. Gradiva Publicações, Lda., Lisboa.
- MARTINS, A. F. (1940) - *O esforço do homem na bacia do Mondego*. Tese de Lic. em C. Geográficas, Univ. Coimbra, Coimbra, 299 p.
- MORAIS, C. (1950) - "Geohidrologia da região de Coimbra". *Memórias e Notícias*, Publ. Mus. Lab. Univ. Coimbra, nº 27, Coimbra, pp. 3-12.
- PEREIRA-FORJAZ, A. (1920) - "A Geologia Portuguesa e os seus fundadores". *Ann. Ac. Polytechnica do Porto*, tom. XIV, Coimbra, pp.1-11.
- PETRELLA, Ricardo (2001) - "Los pilares prioritarios para la construcción de otro mundo". In: *Un mundo para todos - otra globalización es posible*. Icaria Ed., S.A., Barcelona, pp. 119-131.
- POPPER, K. (1992) - *O Universo aberto*. 2ª ed. (tr. FONSECA, N. F.), Publ. D. Quixote, Lisboa.
- PORTAS, Nuno (1974) - "Arquitectura: forma de conhecimento - forma de comunicação". In: *Novas perspectivas das ciências do Homem*. Bibl. Ciências Humanas, 2ª ed., Ed. Presença, Lda, Lisboa, pp. 75-99.
- QUEIRÓS, M. (2001) - "Ambiente e sublimação da territorialidade: uma leitura do processo de co-incineração" *Cadernos de Geografia*, Nº Esp., *Actas II Col. Geografia de Coimbra*, Coimbra, pp. 77-89.
- RALLO ROMERO, A. (2003) - "Introducción" In: *Un mundo para todos - otra globalización es posible*. Icaria ed. S.A., Barcelona.
- REBELO, F. (1985) - "Nota sobre o conhecimento geomorfológico da área da região de Coimbra (Portugal)" *Memórias e Notícias*, Publ. Mus. Lab. Min. Geol. Univ. Coimbra, nº 100, Coimbra, pp. 193-202.
- REBELO, F. (1997) - "Risco e crise nas inundações rápidas em espaço urbano. Alguns exemplos portugueses analisados a diferentes escalas". *Territorium*, 4, 1997, Minerva, Coimbra, pp. 29-47.
- REBELO, F. (2001) - *Riscos naturais e acção antrópica*. Imp. Univ. Coimbra, Coimbra.
- SALGUEIRO, T. Barata (2001) - "Alguns desafios para as cidades na viragem do milénio". *Cadernos de Geografia*, Nº Esp., *Actas II Colóquio de Geografia de Coimbra*. Coimbra, pp.109-115.

- SAMPEDRO, J. Luís (2003) - "Otro mundo es seguro". In: *Un mundo para todos - otra globalización es posible*. Icaria edit. S. A., Barcelona; pp. 25 - 42
- SANTOS, A. de Almeida (2003) - *Picar de novo o porco que dorme*. Ed. Notícias, Lisboa.
- SILVA, Agostinho da (1988) - "Considerando o quinto império". In: SILVA, Agostinho da - *Dispersos*. Inst. Cultura e Língua Portuguesa; Min. Educação; Lisboa; pp. 191-200.
- SOARES, A. F. (1966) - "Estudo das formações pós-jurássicas da região de entre Sargento-Mor e Montemor-o-Velho (margem direita do rio Mondego)". *Memórias e Notícias, Publ. Mus. Lab. Min. Geol. Univ. Coimbra*, Nº 62, pp. 1-343 + 1 mapa.
- SOARES, A. F.; MARQUES, J. F. e ROCHA, R. B. (1985) - "Contribuição para o conhecimento geológico de Coimbra". *Memórias e Notícias, Publ. Mus. Lab. Min. Geol. Univ. Coimbra*, Nº 100, pp. 41-71.
- SOARES, A. F. (1990) - "Apontamentos sobre a geologia de Coimbra". In: *Liv. de Homenagem a Carlos Romariz*. Sec. Geol. Económica e Aplicada, Lisboa, pp. 310-331.
- SOARES, A. F. (2001) - *Um buraco de minhoca (Algumas reflexões sobre o prefixo paleo)*. *Cadernos de Geografia*, Nº. Esp., *Actas II Colóquio de Geografia de Coimbra*. Coimbra; pp. 57-63.
- SOARES, A. F.; CUNHA, L. e MARQUES, J. F. (1989) - "Depósitos quaternários do Baixo Mondego. Tentativa de coordenação morfogenética". *Actas II Reunião do Quaternário Ibérico*, Madrid, pp. 803-812.
- TAVARES, A. M. O. S. (1999) - *Condicionantes físicas ao planeamento; análise da susceptibilidade no espaço do Concelho de Coimbra*. Diss. Dout., Univ. Coimbra; Coimbra; 346 p.